

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Gosta de fazer contas? Então vai ser contador!

José Davi Leite Castro
davileite11@hotmail.com

Seja na escola ou até mesmo no meio familiar, os conselhos sobre qual carreira seguir são frequentes. Seguir a carreira de familiares próximos? Buscar áreas que ofereçam grandes remunerações? Tentar algo diferente? Alguns responsáveis tendem a transformar essas dúvidas em algo de simples resolução. Em conversa com um colega de profissão, ele compartilha um comportamento essencial para determinar que seu primo tentasse a carreira militar: o garoto de 12 anos arrumava a própria cama todos os dias ao acordar. Essa qualidade também é essencial a camareiros, faxineiros, cuidadores e outras profissões distantes da área militar. Mas para o meu colega, não havia dúvidas: o garoto seria um militar excelente. Se antes a necessidade de escolher um curso ou caminho para a vida era tomada ao fim do Ensino Médio, hoje, a pressão para

essa decisão se inicia bem antes. No Ensino Fundamental já são observadas as valências e interesses de cada um, no início do Ensino Médio já se espera que o jovem tenha feito sua escolha. E se não a fez? É considerado confuso, indeciso e, até mesmo, perdido.

Observando como professor, é clara a diferença entre aqueles(as) jovens que sofrem com essa pressão e os(as) que não sofrem: ansiedade, transtornos alimentares, baixa autoestima, isolamento social entre outros problemas. A visão de que toda uma vida é determinada por uma escolha a ser tomada ainda no início da juventude retira toda a ideia da mudança ou da tomada de novas escolhas à medida em que se amadurece, além de conturbar as mentes e os corpos dos jovens em processo de aprendizado das questões sociais, emocionais e relacionais que os cercam. É um exercício árduo, mas convivo a todos(as): que tal permitirmos que esse caminho seja construído por eles(as), com nossa supervisão, e não definido por nós?

O tempo não para

Paulo Wilton Xavier
paulo.wiltonxavier@hotmail.com

O que há de mais habitual no Brasil, os escândalos ou a nossa capacidade de esquecê-los? Nessa encruzilhada, o que não faltam são roteiros e narrativas. Entre mocinhos e vilões, heróis de capa ou toga, de farda ou boné. O teatro de tesouras caiu na monotonia, na cafonice, o que me remete ao último artigo da escritora Fernanda Young, quando denuncia um “bando de cafonas”: “O cafona quer ser autoridade, para poder dar carteiradas. Quer vencer, para ver o outro perder. Quer bajular o poderoso e debochar do necessitado. Existe algo mais brega do que um rico roubando? Algo mais chique do que um pobre honesto? É sobre isso que a pessoa quer falar, apesar de tudo que está acontecendo. Porque só o bom gosto pode salvar este país.”

Entre artigos, músicas e bom gosto, a canção de Cazuza que intitula este texto fala de “um museu de grandes novidades”. No Brasil, sempre se praticou a destruição de

biografias, e isso tem garantido a impunidade, ou a percepção dela. As investigações e a condução do processo ao sabor das manchetes deram espaço a uma trincheira de vitimismo, onde se abrigam os servís, corruptos e traidores da pátria.

Vendo Bolsonaro réu, inelegível, proibido de dar declarações, lembrome de Lula: acusado, inelegível, preso e proibido de dar entrevistas; de Collor: acusado, impeachment, eleito senador, novamente acusado e agora “preso” no conforto do seu lar. Às avesas do que o ditado diz, a arte até tenta acompanhar a encenação da realidade. A novela Vale Tudo, arrebatadora em 1988, voltou para mostrar o desdém da impunidade diante do Brasil político-cultural. Como não esquecer a emblemática cena da banana atirada pelo personagem no final? De modo análogo, hoje, um contraste gritante: somos tratados como “república de bananas”. Entre Brazil e Brasis, se você achar que eles estão derrotados, saiba que ainda estão rolando os dados. Porque o tempo, o tempo não para.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Modern Love

Ana Andrade
Ex-Correspondente O POVO

Resolvi reassistir *Modern Love*.

É diferente assistir novamente, anos depois, teledramaturgias que nos marcaram. E como é bonita a simplicidade que algumas relações têm, seja entre uma inquilina e um porteiro, ou entre amantes que por algum acaso não puderam escrever sua história juntos.

Na minha cabeça, quando menina, imaginei algumas (muitas) vezes sendo protagonista desses filmes, nos quais tinha a menina mulher bem-sucedida que correria com charme e leveza pela 34 com a 55 ou algo do tipo. Apreciar todo o *glamour* nova-iorquino tem lá o seu charme, mas agora flutuamos entre o apreciar e o pé no chão, no agora, a nuvem que carrega os sonhos e vai, vai subindo, logo se desfaz e tudo desmonta, entretanto, não se espatifa pelo chão. É interessante pegar cada sonho, e antes que chegue ao chão, encaixá-lo com cuidado ali no quartinho dos fundos, é saudável e propulsor, diria eu, mantê-los, mas sem floreios.

Mas bonito mesmo é conseguir enxergar a beleza nessas transformações que as relações podem ter (e têm).

Estudar sempre

João Teles de Aguiar
Professor

Estudantada viril
Cheia de fé, esperança
Que o amanhã seja maneiro
E que venha com bonança
Paz e fé no livro bom
Canja e sonhos de criança!

À biblioteca, vá
Leve livro pra vovó
Leia pr'ela, logo cedo
Sobre rios, caritô
Sobre praias e montanhas
Sobre a figura de Ló!

Tá na Bíblia, digo logo
Pra você ler, conhecer
Essa e outras histórias
Bem narradas pra você
O conhecimento é
Escada pra se crescer!



A falsa promessa de paz

Wivyna Freitas
Ex-Correspondente O POVO

A paz é uma esperança universal, mas, na prática, muitas vezes se perde em discursos vazios e promessas que parecem não passar de estratégias políticas. Nos Estados Unidos, não é raro ver governantes que falam de harmonia e cooperação enquanto, nos bastidores, planejam novas ações militares ou sancionam intervenções em outros países.

Essa contradição deixa uma impressão amarga: a paz, para alguns, parece mais um instrumento de imagem do que um compromisso real. O ciclo de conflitos se mantém, impulsionado por interesses que nem sempre são claros para o público.

Enquanto isso, as pessoas comuns nos países atingidos veem suas vidas dilaceradas, seus sonhos adiados e tudo o

que levaram anos para conquistar virar pó da noite para o dia. E a paz, então, fica sempre para depois, um ideal bonito demais para caber na dureza dos interesses que movem o poder. A paz virou um produto que faz parte do chamado “sonho americano”, produto este que não passa de uma embalagem vazia.

Enquanto falam de diplomacia e segurança, suas ações frequentemente contradizem essas palavras, deixando um rastro de destruição e sofrimento.

Neste ciclo onde a guerra é um negócio e a paz um produto falso, os que realmente pagam o preço são os esquecidos. São crianças que vivem entre o medo e o silêncio, são mães que choram pela perda dos filhos, que carregam nas costas o peso de uma dor que o mundo ignora, são pessoas comuns que perderam tudo, inclusive a esperança.

Tubarão 50 Anos

Evandro Meneses
Ex-Correspondente mestre O POVO

Há exatamente cinco décadas, um filme dirigido por um jovem chamado Steven Spielberg mergulhou o público no terror e revolucionou o cinema. *Tubarão* (*Jaws*, 1975) não apenas se tornou um fenômeno cultural, mas também redefiniu o conceito de *blockbuster*, consolidando o poder do suspense e dos efeitos práticos em uma narrativa imersiva.

Baseado no livro *best-seller* de Peter Benchley, *Tubarão* conta a história de um grande tubarão branco que aterroriza a pequena cidade balneária de Amity. O chefe de polícia Martin Brody (Roy Scheider), o oceanógrafo Matt Hooper (Richard Dreyfuss) e o caçador Quint (Robert Shaw) partem em uma missão desesperada para matar a criatura. O roteiro, repleto de diálogos afiados e cenas de tirar o fôlego, aliado à direção magistral de Spielberg, transformou um simples *thriller* em uma experiência cinematográfica inesquecível.

O grande trunfo do filme foi a construção do medo. Spielberg optou por sugerir a presença do tubarão em vez de mostrá-lo constantemente. A trilha sonora icônica do maestro John Williams, com suas duas notas repetidas, tornou-se sinônimo de perigo iminente. O suspense foi tão bem executado que, mesmo sem efeitos digitais, o filme continua assustando gerações.

Jaws foi o primeiro filme a ultrapassar a marca de US\$ 100 milhões em bilheteria, tornando-se o maior sucesso da história até então e estabelecendo o modelo de lançamentos em larga escala no verão norte-americano. Seu sucesso pavimentou o caminho para outros grandes sucessos comerciais como *Star Wars* e *Indiana Jones*. Além disso, o filme gerou uma aversão generalizada a tubarões, impactando até a percepção pública sobre a espécie.

Em uma era dominada por CGI (tradução do inglês, Imagens Geradas por Computador), *Tubarão* prova que o verdadeiro terror está na imaginação – e que um grande filme nunca envelhece. Como diz a famosa fala do personagem Brody: “Você vai precisar de um barco maior.” Hollywood, de fato, nunca mais foi a mesma.

Seu sucesso pavimentou o caminho para outros grandes sucessos comerciais